

ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DE NOMES E VERBOS COMPOSTOS NAS LÍNGUAS APINAJÉ E PARKATÊJÊ

MORPHOSYNTACTIC ASPECTS OF NOUNS AND VERBS COMPOUND IN APINAJÉ AND PARKATÊJÊ LANGUAGES

Sindy Rayane de Souza Ferreira (UFPA)¹
Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira (UFPA)²

RESUMO

O presente artigo apresenta as principais características morfofossintáticas relacionadas aos compostos nominais e verbais das línguas indígenas Apinajé e Parkatêjê, ambas pertencentes à família Jê, tronco linguístico Macro-Jê. Utilizaremos dados das referidas línguas, extraídos de Oliveira (2005) e Ferreira (2003), para análise e levantamento de hipóteses referentes ao comportamento morfofossintático dos compostos nestas línguas. Para tanto, consideraremos as relações gramaticais entre os elementos dos compostos como o aspecto universal no processo de composição e apresentaremos as possíveis combinações morfológicas dos compostos nas línguas em estudo. Também realizaremos algumas considerações teóricas sobre o processo de composição a partir de Booij (2007) e Lieber & Štekauer (2009), mencionando a dificuldade em se definir tal processo nas línguas naturais.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas indígenas; Morfofossintaxe; Composição.

ABSTRACT

This paper presents the main morphosyntactic characteristics related to the nominal and verbal compounds of the Apinajé and Parkatêjê indigenous languages, both belonging to the Jê family, Macro-Jê linguistic stock. We will use data from these languages, taken from Oliveira (2005) and Ferreira (2003), to analyze and raise hypotheses regarding the morphosyntactic behavior of compounds in these languages. Therefore, we will consider the grammatical relations between the elements of the compounds as the universal aspect in the composition process and we will present the possible morphological combinations of the compounds in the languages studied. We will also make some theoretical considerations about the process of composition from Booij (2007) and Lieber & Štekauer (2009), mentioning the difficulty in defining this process in natural languages.

KEYWORDS: Indigenous languages; Morphosyntax; Composition.

INTRODUÇÃO

Definir composição não tem sido uma tarefa fácil, visto que tal processo apresenta diferentes características nas línguas naturais, manifestando-se de maneira particular em cada uma delas. Conhecendo tal dificuldade, não tentaremos elaborar uma definição para estas formas, mas buscaremos caracterizá-las morfofossintaticamente nas línguas Apinajé e Parkatêjê. Ambas são línguas indígenas pertencentes à Família Jê, tronco linguístico Macro-Jê.

O Apinajé é falado pelo povo também denominado Apinajé. Os Apinajé habitam a região compreendida pela confluência dos rios Araguaia e Tocantins. De acordo com Oliveira (2005, p. 28), “os Apinajé são considerados, na literatura antropológica, como uma divisão ocidental dos

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestra em Estudos Linguísticos também pela UFPA. E-mail: sindyrayne@hotmail.com

² Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Docente no Programa de Pós-Graduação em Letras e na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: marilia@ufpa.br

Timbira, morando a oeste do Tocantins”. Porém, conforme a classificação linguística proposta por Rodrigues (1999), o Apinajé tem sido considerado como não integrante do Complexo Timbira. A língua Parkatêjê, por outro lado, faz parte desse Complexo, o qual integra as línguas Apãniekrá, Krahô, Pykobjê, Krênjê, Krikati e Ramkokamekrá. O Parkatêjê é falado pelo povo indígena denominado pelo mesmo nome. Vivem atualmente na Reserva Indígena Mãe Maria (RIMM), em aldeias localizadas ao longo da Rodovia BR-222, às proximidades do município de Marabá, Pará.

Centramos nossa discussão nas formas compostas das línguas em estudo com o intuito de demonstrar como tais compostos são constituídos, quais são seus aspectos gerais, bem como suas principais características morfossintáticas. Para tal caracterização, consideraremos: i) as relações gramaticais entre os elementos dos compostos (relação de subordinação, atribuição e coordenação) como o aspecto universal no processo de composição, e ii) as diferentes combinações morfológicas dos compostos.

Antes de apresentarmos as características dos compostos em Apinajé e Parkatêjê, na seção seguinte, realizaremos algumas considerações teóricas sobre os estudos do processo de composição nas línguas naturais.

1 Considerações teóricas sobre o processo de Composição

Na literatura tradicional sobre os processos de formação de palavras encontramos várias definições para o processo de composição. De acordo com Marchand (1960, p. 11)³, “Quando duas ou mais palavras são combinadas em uma unidade morfológica, nós chamamos de composto”. Bauer (2003, p. 40)⁴ define composição como “a formação de um novo lexema pela junção de dois ou mais lexemas”. Nessa mesma linha, Booij (2007) conceitua esse processo como a combinação de lexemas em palavras maiores. Ele afirma que, em casos simples, composição consiste na combinação de duas palavras, em que uma palavra modifica o significado da outra. Sobre as características gerais desse processo, o autor descreve:

A composição é a maneira mais usada de fazer novos lexemas. [...] A produtividade da composição em muitas línguas é, em grande parte, devido à transparência semântica e à versatilidade. Quando um novo composto é formado, nós já sabemos o significado de seus constituintes, e a única tarefa que enfrentamos é descobrir a relação semântica entre as duas partes (BOOIJ, 2007, p. 75, [tradução nossa])⁵.

Os autores apresentam esses conceitos baseando-se nos aspectos gerais dos compostos das línguas do mundo. No entanto, definir composição não tem sido uma tarefa fácil para os linguistas, visto que tal processo apresenta diferentes características nas línguas naturais, manifestando-se de maneira particular em cada uma delas. A própria literatura sobre o tema expõe essa dificuldade.

Lieber & Štekauer (2009, p. 04)⁶ consideram “difícil chegar a uma definição satisfatória e universalmente aplicável de composição”. Os autores apresentam duas questões centrais que mostram por que há problema na definição geral de composição (de que “é a combinação de duas ou mais palavras”), e por que é difícil definir compostos. A primeira questão refere-se ao fato de que os elementos que constituem os compostos em algumas línguas nem sempre são palavras independentes. A segunda questão diz respeito ao fato de que nem sempre é possível fazer uma distinção clara entre compostos e sintagmas nas línguas.

³ “When two or more words are combined into a morphological unit, we speak of a compound”.

⁴ “The formation of a new lexeme by adjoining two or more lexemes”.

⁵ “Compounding is the most frequently used way of making new lexemes. [...] The productivity of compounding in many languages is largely due to its semantic transparency and versatility. When a new compound is formed, we already know the meaning of its constituents, and the only task we face is to find out about the semantic relation between the two parts”.

⁶ “It is difficult to come up with a satisfying and universally applicable definition of ‘compound’”.

Booij (2007) aponta duas razões pelas quais nem sempre é fácil distinguir compostos e sintagmas: i) os sintagmas podem ter a mesma função que os compostos; ii) sintagmas e compostos parecem bastante semelhantes, pois padrões compostos geralmente derivam historicamente de combinações de palavras sintagmáticas.

Muitos autores relatam o fato de que, em geral, nas línguas germânicas, o núcleo de um composto é o elemento à direita e o modificador ocupa a posição à esquerda do núcleo. Um exemplo é *sales department* ‘departamento de vendas’, em que *department* é o núcleo e *sales* é um modificador nominal. Porém, segundo Booij (2007), o núcleo à direita não é uma característica universal dos compostos, uma vez que há línguas com compostos de núcleo à esquerda, conforme o exemplo a seguir da língua Maori, falada na Nova Zelândia:

- 1) roro hiko
brain electricity
cérebro eletricidade
‘computer’
‘computador’

(BOOIJ, 2007, p. 78)

1.1 Principais critérios utilizados para identificação de compostos

Com o propósito de definir formas compostas, Donalies (2004) estabeleceu alguns critérios que foram aplicados ao Eslávico, ao Grego Moderno, a línguas Românicas e a línguas Fino-Ugrianas. Para ele, compostos são complexos; são formados sem afixos de formação de palavra; são grafados juntos; têm um padrão de acento específico; incluem elementos de ligação; são nucleados à direita; são flexionados como um todo; são sintaticamente inseparáveis; são ilhas sintático-semânticas; e são unidades conceituais. Alguns destes critérios podem ser aplicados a um maior número de línguas (como o critério sintático, por exemplo); outros têm aplicação mais restrita (como o caso de compostos grafados juntos). Há também critérios que abrangem outras formas além de compostos (“são complexos”), sendo então falhos ou não muito confiáveis.

É necessário destacarmos que quase não há critérios universalmente aceitos para determinar o que são compostos e diferenciá-los de sintagmas. Porém, é possível mencionar alguns que têm sido relevantes para a identificação de compostos em muitas línguas. Dentre estes estão os critérios discutidos por Lieber & Štekauer (2009), aplicados ao Inglês: critérios fonológicos, critérios sintáticos e critérios morfológicos.

O principal critério fonológico é o **acento**. De maneira geral, em Inglês e em outras línguas, os compostos recebem o acento no constituinte à esquerda, no modificador, enquanto os sintagmas o recebem no constituinte à direita, no núcleo (BOOIJ, 2007). No entanto, a acentuação, apesar de ser um critério muito apontado pelos linguistas, ainda necessita de provas mais consistentes, uma vez que há compostos que seguem esse princípio e outros não. Existem compostos em que o acento recai no modificador, há outras construções consideradas compostos nominais em que o acento recai no núcleo, e há ainda sintagmas nominais que recebem acentuação no núcleo. Logo, a acentuação ou não no modificador não pode ser usada de forma isolada para distinguir compostos de sintagmas, visto que isso pode variar.

Dentre os critérios sintáticos está a **inseparabilidade**, na qual uma forma complexa pode ser considerada um composto se nenhum outro elemento pode ser inserido entre os dois constituintes (LIEBER & ŠTEKAUER, 2009). Este parece ser um dos critérios sintáticos mais confiáveis, pois, de maneira geral nas línguas, os compostos formam um todo sintático-semântico.

Outro critério relacionado ao comportamento sintático dos compostos, em oposição ao comportamento de sintagmas nominais, diz respeito à **modificação das estruturas**. Um adjetivo que precede um composto, por exemplo, modifica todo o composto (o núcleo e o não núcleo),

mas nunca apenas o primeiro elemento, como em *a big battlefield* ‘um grande campo de batalha’. Já nos sintagmas nominais seria possível modificar apenas o primeiro elemento constituinte, como observado no exemplo *the old friend's house* ‘a casa do velho amigo’⁷.

Os principais critérios morfológicos observados por linguistas são a flexão e a existência de elementos de ligação. Lieber & Štekauer (2009) mencionam que, em determinadas línguas (como em Holandês, por exemplo), uma forma composta é reconhecida quando o seu núcleo pode receber **flexão**, mas o modificador não. Em outras línguas é o elemento modificador que recebe uma flexão específica de composto.

Segundo os autores, outro critério diretamente relacionado à flexão interna do composto são os **elementos de ligação**, que consistem em “extensões sem significado que ocorrem entre o primeiro e o segundo elemento de compostos” (LIEBER & ŠTEKAUER, 2009, p. 13)⁸. É o que ocorre em Grego em formas compostas como *pag-o-vuno* ‘montanha de gelo’ e *psom-o-tiri* ‘pão (e) queijo’, nas quais *o* é um elemento que liga os núcleos aos seus modificadores (BOOIJ, 2007).

Mesmo sendo comprovados em determinadas línguas, a flexão e os elementos de ligação não são critérios cem por cento confiáveis, tendo em vista que nem todas as línguas apresentam em seus compostos elementos de ligação, tampouco apresentam o mesmo padrão para a flexão de compostos.

Desse modo, percebemos que os critérios de definição de compostos são complexos, assim como a diferenciação entre compostos e sintagmas é bem variada, uma vez que encontramos várias exceções na literatura sobre o tema, o que dificulta as análises. É importante destacarmos que tais critérios não devem ser usados isoladamente para identificar compostos. Alguns destes testes poderão ser comprovados em certas línguas, mas em outras, não.

Apesar de não haver critérios universalmente aceitos para definir compostos, Guevara e Scalise (2009) apontam que o aspecto assumido como universal no processo de composição são as relações gramaticais entre seus elementos constituintes. Essas relações gramaticais podem ser de **subordinação** (relação predicado-argumento, como em *limpa-vidros*); de **atribuição** (relação modificado-modificador, como em *peixe-boá*); e de **coordenação** (relação conjuntiva ou disjuntiva, como em *ator-cantor*).

Embora as relações gramaticais sejam universais, o modo como as línguas configuram morfológicamente seus compostos pode variar. Assim, os compostos são realizados por diferentes combinações morfológicas, tais como: (raiz + raiz), (radical + radical), (radical + palavra), (palavra + palavra), etc. (NÓBREGA, 2015).

1.2 Tipos de compostos

De modo geral, com base no que se tem identificado nas línguas humanas, as formas compostas podem ser classificadas em dois tipos principais: compostos nominais ou compostos verbais. Conforme mostrado por Booij (2007), os **compostos nominais** são aqueles que têm como núcleo um nome ou um adjetivo. Já os **compostos verbais** são aqueles nucleados por verbos. A posição do não núcleo pode ser ocupada tanto por formas com conteúdo (como nomes, verbos e adjetivos) quanto por formas funcionais (como preposições, posposições, clíticos etc.). A categoria sintática do composto como um todo é a mesma categoria do seu núcleo.

Booij (2007) afirma que a identificação do núcleo de um composto é relevante não somente para suas propriedades formais, mas também para sua interpretação semântica. Como exemplificação, o autor menciona um caso do Holandês:

O composto *soepnles* denota um tipo particular de carne, não um tipo particular de sopa, enquanto o inverso se aplica ao composto *vleessoep*. Em outras palavras, o constituinte

⁷ Exemplos dados por Lieber & Štekauer (2009).

⁸ “(...) It is a meaningless extension that occurs between the first and second elements of compounds”.

esquerdo de tais compostos funciona como modificador do significado do constituinte núcleo (BOOIJ, 2007, p. 77 [tradução nossa])⁹.

Em relação à posição do núcleo de um composto, conforme mostra o autor supramencionado, há línguas em que os compostos podem ter o **núcleo na posição à direita**, como na maioria das línguas germânicas; outras apresentam compostos com **núcleo na posição à esquerda**, como apresentado no exemplo do Maori; e há ainda línguas em que o núcleo de compostos pode estar tanto na posição à esquerda quanto à direita, como em italiano, por exemplo: *capo-stazione* ‘estação mestre’ e *gentil-uomo* ‘homem gentil’. (BOOIJ, 2007, p. 78). É possível também identificarmos casos de compostos nominais nos quais parece ser mais difícil apontar o núcleo, como em *poet-painter* ‘poeta-pintor’, no qual o referente indica as duas coisas ao mesmo tempo, ou em compostos com sentido pejorativo, como *bonehead* ‘estúpido’.

As formas compostas também podem ser classificadas como endocêntricas ou exocêntricas. A respeito das características morfossintáticas dos **compostos endocêntricos**, Booiij (2007, p. 79)¹⁰ afirma: “o termo ‘endocêntrico’ significa que a categoria (sintática ou morfológica) da construção como todo é idêntica à de um dos seus constituintes”. Por isso, o autor considera que há um núcleo neste tipo de compostos. Para descrever as características dos **compostos exocêntricos**, ele usa os seguintes exemplos do Italiano e do Espanhol (línguas Românicas):

2) Italiano

porta-lettere ‘lit. levar cartas, carteiro’
lava-piatti ‘lit. lavar pratos, lava-louças’

3) Espanhol

lanza-cohetes ‘lit. lançar foguetes, lançador de foguetes’
limpia-botas ‘lit. limpar botas, engraxate’

(BOOIJ, 2007, p. 79)

Segundo o autor supracitado, estes compostos são nomes, mas não possuem núcleos. Assim, ele afirma:

Os constituintes nominais no plural não funcionam como núcleos. Por exemplo, *portalelettere* não denota certos tipos de cartas. O constituinte à esquerda é um verbo em sua forma-base. Os nomes na posição à direita destes compostos têm várias terminações, enquanto os próprios compostos são neutros em relação ao número, e podem ser usados tanto como formas singulares quanto como plurais. Portanto, esses nomes não podem ser os núcleos dos compostos dos quais fazem parte. Então este tipo de composto é um caso claro de composição exocêntrica (BOOIJ, 2007, p. 80)¹¹.

Semanticamente, os compostos endocêntricos são aqueles em que o composto estabelece uma relação de subclasse com um dos seus constituintes. Na verdade, ele pode ser considerado um hipônimo de seu núcleo, como no composto *desktop computer*, por exemplo, que é um tipo de computador. Por outro lado, os compostos exocêntricos não apresentam essa relação de subclasse

⁹ “[...] The compound *soepvlees*, for example, denotes a particular kind of meat, not a particular kind of soup, whereas the inverse applies to the compound *vleessoep*. In other words, the left constituent of such compounds functions to modify the meaning of the head constituent”.

¹⁰ “[...] The term ‘endocentric’ means that the category of the whole (syntactic or morphological) construction is identical to that of one of its constituents”.

¹¹ “[...] The plural nominal constituents do not function as heads. For instance, *portalelettere* does not denote certain kinds of letters. The left constituent is a verb in its stem-form. The nouns in the right position of these compounds have plural endings, whereas the compounds themselves are neutral with respect to number, and can be used both as singular and as plural forms. Therefore, these nouns cannot be the heads of the compounds of which they form a part. So this kind of compound is a clear case of exocentric compounding”.

com seu núcleo. Nesse caso, há uma relação de analogia entre o referente do composto e o referente de outra palavra ou expressão. Como exemplo podemos mencionar *bird brain*: não podemos dizer que este composto seja um tipo de *brain*; se chamarmos alguém dessa forma, estamos nos referindo figurativamente a um tipo de pessoa irritante, estúpida ou superficial, cujo cérebro está sendo comparado ao de um pássaro (TEIXEIRA, 2009).

Na seção a seguir, apresentaremos os principais aspectos morfossintáticos relacionados à composição nas línguas Apinajé e Parkatêjê, destacando as características semelhantes entre elas.

2. Características morfossintáticas de compostos em Apinajé e Parkatêjê

2.1 Compostos em Apinajé

Oliveira (2005) considera os compostos da língua Apinajé como unidades lexicais morfologicamente complexas, apresentando as possíveis combinações de elementos básicos e como esses elementos podem formar constituintes dentro do próprio composto. Segundo a autora, as formas compostas nessa língua podem ser nominais ou verbais. Assim, a posição do núcleo pode ser ocupada somente por nomes ou verbos. Já a posição dos não núcleos pode ser ocupada por nomes, verbos, posposições e clíticos.

Os compostos nominais selecionados para exemplificar o processo de composição em Apinajé podem ser constituídos por [N + N], [N + POSP + N] ou [N + V + (CLT)], conforme os exemplos a seguir:

[Nome + Nome]

- | | | |
|----|--|---------------------|
| 4) | kučeʔi
kuče+ʔi
arma+semente | ‘munição; bala’ |
| 5) | bitkarõ
bit+karõ
sol+imagem | ‘relógio’ |
| 6) | õkreče
õkre+č-e
garganta+PR ¹² -gravata | ‘adorno de pescoço’ |
| 7) | krõkĩ
krõ+kĩ
cabeça+cabelo | ‘cabelo’ |

[Nome + Posposição + Nome]

- | | | |
|----|--|----------|
| 8) | dõmõkəč
dõ+mõ+kəč
olho+DAT+forma | ‘óculos’ |
| 9) | ikramõkəč
ikra+mõ+kəč
dedo+DAT+forma | ‘anel’ |

¹² Glosas e abreviações: PR – prefixo relacional; DAT – dativo; DIM – diminutivo; N – nome; V – verbo; CLT – clítico; POSP – posposição; ADP – adposição; PREP – preposição; LOC – locativo; O – objeto do verbo transitivo.

[Nome + Verbo + (Clítico)]

- 10) kagotikrɛ ‘café’
 kago+tik+rɛ
 suco+preto+DIM
- 11) krẽpipəŋ ‘bêbado’
 krẽ+pipəŋ
 cabeça+intoxicada

De acordo com Oliveira (2005), os compostos nominais podem incluir duas ou mais raízes. Nessas formas podem ocorrer prefixos relacionais e outros morfemas presos. Os verbos presentes na estrutura [N + V + (CLT)] são, na maioria das vezes, um verbo descritivo ou alguma forma verbal não finita (forma nominalizada). Os clíticos de grau que ocorrem nessas estruturas “podem subcategorizar o conjunto de referentes codificados por palavras formalmente relacionadas ou simplesmente fazer parte do radical” (OLIVEIRA, 2005, p. 102).

Os compostos verbais geralmente têm estruturas: [N + V] ou [V + ADP]. Os compostos verbais possuem apenas duas raízes; o elemento nominal precede o verbal. Alguns destes compostos são predicadores descritivos (OLIVEIRA, 2005).

[Nome + Verbo]

- 12) krẽkatɔ ‘acordar’
 krẽ+katɔ
 cabeça+sair
- 13) ukrarkrɔ ‘arrostar com odor ofensivo’
 ukrar+krɔ
 aroto+ser.estragado
- 14) kəkagrɔ ‘ter.febre’
 kə+kagrɔ
 corpo+esquentar
- 15) abakrɔ ‘ser.teimoso’
 abak+krɔ
 orelha+ser.podre

[Verbo + Adposição]

- 16) čaʔɔ̃ ‘esperar por O’
 ča+ʔɔ̃
 ficar+LOC

As formas compostas do Apinajé podem ser consideradas como compostos exocêntricos, visto que nenhum dos seus elementos constitui o núcleo semântico, isto é, os compostos não apresentam um núcleo que tenha uma relação direta com o referente do todo. Na verdade, o significado de um composto apresenta uma analogia aos referentes das formas que o constitui. Por exemplo, ao usarmos o composto *bitkarõ*, não estamos nos referindo literalmente à imagem ou ao retrato do sol, mas ao ‘relógio’, que, de forma análoga ao sol, tem um formato circular e por meio dele podemos marcar o tempo.

Como já mencionado por Ferreira (2003), os compostos nominais do Parkatêjê são acessíveis à análise de padrões considerados sintagmáticos em suas estruturas internas. A autora afirma que os compostos cuja estrutura é [N + N], como *parkere* ‘canoá’, por exemplo, ocorrem de maneira semelhante a uma construção genitiva; já os compostos de estruturas [N + V(descriptivo)], como *konkrire* ‘lagoa’, ocorrem como um sintagma nominal. Os verbos que ocorrem na estrutura [(N) + V + CLT] podem ser tanto ativos quanto descritivos.

De modo semelhante ao Apinajé, os compostos verbais do Parkatêjê podem apresentar as estruturas: [N + V] ou [PREP + N]. Tais compostos também possuem apenas duas raízes, com o elemento nominal precedendo o verbal. Ao contrário do Apinajé, em que os compostos verbais podem ser predicadores ativos e descritivos, nos exemplos do Parkatêjê aqui considerados, estes compostos são apenas predicadores ativos.

[Nome + Verbo]

- | | |
|--------------------|------------------------|
| 22) krômên | ‘cortar.todo.o.cabelo’ |
| krã+mên | |
| cabelo+derrubar | |
| 23) harkômên | ‘cuspir’ |
| h-arkô+mên | |
| PR-saliva+derrubar | |
| 24) kaprôkato | ‘menstruar’ |
| kaprô+kato | |
| sangue+sair | |
| 25) krakato | ‘parir’ |
| kra+kato | |
| filho+sair | |
| 26) krãmõ | ‘nadar/boiar’ |
| krã+mõ | |
| cabeça+ir | |

[Preposição + Nome]

- | | |
|-------------|-----------|
| 27) kãmpa | ‘escutar’ |
| kãm+pa | |
| PREP+orelha | |

Para Ferreira (2003), o significado das formas compostas em Parkatêjê não se reduz a simples soma dos elementos constituintes, pois apresentam um significado que vai além do presente em suas estruturas internas. A essa língua pode ser aplicada a afirmação de Booij (2007), de que a interpretação dos compostos muitas vezes necessita de informações contextuais e dos conhecimentos de mundo dos falantes.

Deste modo, assim como em Apinajé, essas formas se comportam como compostos exocêntricos, pois não possuem um núcleo semântico facilmente identificável. Além do mais, o significado dos compostos também parece apresentar uma analogia, um tipo de comparação com os referentes das formas constituintes. Um exemplo é o composto *kotykti*. Quando usamos este composto não estamos nos referindo a uma água preta literalmente, mas ao ‘café’, que é um líquido escuro semelhante a uma água de cor escura.

A respeito do tipo de relação gramatical prefigurada nos exemplos de compostos da língua aqui descrita, observamos que os constituintes dos compostos nominais, em sua maioria, apresentam uma relação de atribuição, mais especificamente, uma relação modificador-modificado.

como mostram os exemplos: *konkerire* 'lagoa', *kotykti* 'café' e *parkere* 'canoa'. Por outro lado, os elementos dos compostos verbais apresentam uma relação gramatical de subordinação, pois exibem uma relação argumento-predicado, como observamos em *kerãmên* 'cortar.todo.o.cabelo', *barkômên* 'cuspir', *kaprôkato* 'menstruar', *krakato* 'parir' e *krâmô* 'nadar/boiar', por exemplo.

Em relação a sua configuração morfológica, é possível observarmos que os compostos aqui analisados também não apresentam elementos de ligação. Como em Apinajé, eles são constituídos a partir da justaposição de raízes simples (raiz + raiz) ou a partir da combinação de raízes e afixos (raiz + sufixo) ou (raiz + raiz + sufixo). As raízes justapostas podem pertencer à mesma ou a diferentes classes de palavras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo apresentar os principais aspectos morfossintáticos referentes às formas compostas das línguas Apinajé e Parkatêjê. Utilizamos como base teórica os estudos de Booij (2007), Lieber & Štekauer (2009) e outros autores, a fim de expor alguns conceitos e características gerais de compostos, bem como os principais critérios utilizados para identificá-los nas línguas humanas. Consideramos as relações gramaticais entre os elementos dos compostos como o aspecto universal no processo de composição e, dentre outras características, apresentamos as possíveis combinações morfológicas dos compostos nas línguas estudadas.

A partir dos dados das línguas Apinajé e Parkatêjê (extraídos de Oliveira (2005) e Ferreira (2003) respectivamente), conseguimos realizar uma análise referente à constituição dos compostos e ao seu comportamento morfossintático. Em ambas as línguas: i) ocorrem compostos nominais e verbais; ii) os núcleos morfológicos dos compostos podem ser ocupados por verbos ou nomes e os não núcleos ocupados por nomes, verbos, adposições e clíticos; iii) os compostos podem ser classificados como exocêntricos; iv) morfológicamente, são constituídos pela combinação de raízes simples ou pela combinação de raízes e afixos, sem auxílio de elementos de ligação.

Em Parkatêjê, os constituintes dos compostos nominais apresentam relação gramatical de atribuição (modificado-modificador) e os constituintes dos compostos verbais, relação de subordinação (argumento-predicado). Os elementos que constituem os compostos verbais, em Apinajé, também exibem uma relação de subordinação (argumento-predicado). Já os elementos dos compostos nominais exibem tanto uma relação gramatical de subordinação (relação complemento-nome) quanto de atribuição (modificador-modificado).

Identificamos várias semelhanças entre as características dos compostos nessas línguas e acreditamos que isso pode ser justificado pelo fato de ambas pertencerem ao mesmo tronco e à mesma família linguística. A partir da análise dos dados aqui apresentados, foi possível tecer importantes considerações referentes ao comportamento morfossintático das formas compostas em Apinajé e em Parkatêjê.

REFERÊNCIAS

BAUER, Laurie. **Introducing Linguistic Morphology** (2nd ed.). Edinburgh: Edinburgh University Press, 2003.

BOOIJ, Geert. **The Grammar of Words: na introduction to linguistic morphology**. United States: Oxford University Press, 2007.

DONALIES, Elke. **Grammatik des Deutschen im europäischen Vergleich: Kombinatorische Begriffsbildung – Vol. 1: Substantivkomposition**. Mannheim: Institut für deutsche Sprache, 2004.

FERREIRA, Marília de Nazaré de Oliveira. **Estudo morfossintático da língua Parkatêjê**. 2003. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270362>.

GUEVARA, Emiliano; SCALISE, Sergio. Searching for universals in compounding. In: SCALISE, Sergio; BISETTO, Antonietta; MAGNI, Elisabetta. **Universals of Language Today**. Amsterdam: Springer, 2009.

LIEBER, Rochelle; ŠTEKAUER, Pavel. Introduction: Status and definition of compounding. In: LIEBER, Rochelle; ŠTEKAUER, Pavel. (eds.) **The Oxford Handbook of Compounding**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

MARCHAND, Hans. **The categories and types of present-day English word-formation: a Synchronic-Diachronic Approach**. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1960.

NÓBREGA, Vitor Augusto. **Composição na Morfologia Distribuída**: dos universais à variação. *ReVEL*, v. 13, n. 24, 2015. [www.revel.inf.br]. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/11c90325687de1225d65d570ec6a8fa6.pdf>.

OLIVEIRA, Christiane Cunha de. **The language of the Apinajé people of central Brazil**. 2005. Dissertation (Doctorate degree) – University of Oregon, Eugene, Oregon, USA, 2005. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Aoliveira-2005/oliveira_2005.pdf.

RODRIGUES, Aryon. Macro-Jê. In: DIXON, Robert; AIKHENVALD, Alexandra (eds.). **The Amazonian Languages**, 165-206. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

TEIXEIRA, Lilian Figueiró. **A semântica dos compostos nominais** – Um estudo de corpus paralelo Inglês/Português. 2009. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2009. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/2574/TeixeiraLilianFigueir%20oLinguistica.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

Submetido em 17/05/2020

Aceito em 01/07/2020